

A valsa do segundo turno

Wilson Figueiredo*

Até agora não consta que qualquer dos pretendentes se tenha valido dos préstimos do Exército — que é o sisudo padrinho da República — para pedir a mão da filha mais moça dela, no dia do seu aniversário. Esses rapazes, cheios de brio democrático, alegam a legitimidade da pretensão pelo voto e preferem pedir à madrinha — que é a Justiça Eleitoral — para anotar os seus nomes entre os convidados no próximo 15 de novembro.

Aboliu-se, infelizmente, o costume do caderinho em que as donzelas escreviam pela ordem os nomes dos seus pares para as contradições, como era moda no tempo em que a Ilha Fiscal dava bailes de abalar o regime. Um século depois, os comentários maternos ficam por conta das pesquisas de opinião. A diferença é pequena.

Somos democratas de hábitos recentes. Nem todos podem incluir no seu currículo de cidadão a oportunidade de ter sido abordado na rua ou procurado em sua própria casa por um pesquisador. Essa diferença não honra sequer o consumidor, que gostaria de opinar ao menos a respeito de produtos de seu particular desagrado. O eleitor ignorado pelas pesquisas é um manancial de desconfiância em relação ao critério científico alegado pela amostragem. Mais ainda que os eleitores, os candidatos manipulam em revide a suspeita de que as pesquisas manipulam as preferências. A exceção à regra corre por conta do eventual ocupante do primeiro lugar nas intenções de voto. Os demais carregam na mão.

Um pesquisador — é oportuno que se diga — não é um extraterreno que chame a atenção pelo aspecto exótico. Pelo contrário. Trata-se de alguém que se aproxima com boas maneiras e aborda com jeito macio o eleitor. Todo cuidado é pouco para não espantar a caça. Na primeira eleição presidencial direta em inexistência 30 anos é de supor que os eleitores tenham uma idéia precisa sobre o candidato.

Infelizmente a última pesquisa (com quatro meses e meio de antecedência) passou, entre outras, a informação de que 68 em 100 brasileiros respondem negativamente (com a cabeça, inclusive) à pergunta desfechada na bucha sobre se têm candidato. A maioria, como se vê, não tem bala na agulha, se é que o voto ainda é a arma para o cidadão se defender.

Somente depois de respondida (pela negativa) a primeira pergunta, o pesquisador passa à segunda para conhecer a preferência do eleitor diante da relação sacada do bolso. Esse eleitor que só arrisca o palpite diante de uma cartela não é ainda aquele temível indeciso que leva à loucura, no final das campanhas, os candidatos aflitos e os institutos de opinião pública. A fleuma dos que guardam a confissão para as urnas amplia a margem de erro e os riscos para a credibilidade das pesquisas. Indeciso, pelo critério técnico, é aquele recalitrante que não se anima nem na segunda oportunidade diante de uma cartela de nomes. Os 68% estão noutra.

A tensão eleitoral, se é que existe, diz respeito à curiosidade de saber quais serão, dentre os pretendentes, os dois únicos com direito à Valsa do Segundo Turno um mês, se tanto, depois da

festança do centenário. O 15 de novembro leva mais jeito de baile de formatura, e será inevitável que, por honra da firma, Ulysses Guimarães convide a Velha República para dançar uma polca ou uma valsa vienense. Não vai perder a oportunidade de mostrar à Nova República a sua forma física. Ninguém poderá impedir Leonel Brizola de enfrentar uma tarantela na primeira rodada. Collor de Mello vai acumular o xaxado e o rock.

Está rendendo mais o primeiro baile. As pesquisas de opinião têm — como se dizia antigamente — língua de sogra, que foi uma das instituições sociais mais demolidoras da Velha República. O que interessa por ora é saber quem pode subir e quem pode descer. Em tese, qualquer um pode subir ou descer. Neste caso a preferência (dos concorrentes) vai toda para Collor de Mello, pois os demais não podem descer, sob pena de sair da pesquisa. A dificuldade é emitir opinião sobre quem pode subir. A rigor, todos podem, porque até hoje 68 em 100 brasileiros, quando perguntados se já têm candidato, dizem que não. Ou não dizem.

O preferido das pesquisas não pode subir mais sem bater com a cabeça no teto e afetar a própria democracia que se programou para dois turnos nupciais. Descer, pode, mais que qualquer outro: basta escorregar na casca de um argumento jogado sobre a calçada por onde passa. Quem é considerado em condições de subir de um só lance uns três ou quatro degraus é Ulysses Guimarães, com a ajuda do PMDB. Consta que só a televisão e a legenda desse partido chegam a todos os municípios brasileiros. Há entre o PMDB e a TV uma disputa à parte para saber quem será o mais forte na eleição presidencial.

O respeito à ordem das preferências obriga a considerar nas pesquisas, em qualquer raciocínio a respeito de um ou outro turno, a insistência de Leonel Brizola em se manter no segundo lugar. Ele não desiste. Como também não se pode desconhecer que, até que as pesquisas lhe apaream as barbas, Luís Inácio da Silva não arreda pé do terceiro lugar (daí para baixo falta espaço para cuidar de todos).

Temos, portanto, que a questão se resume em garantir a inscrição de apenas dois para a Valsa do Segundo Turno. Todos atacam o que está à frente mas acotovelam o que está por perto. Por enquanto, se uma das vagas continuar preenchida pela intenção de votos, os demais vão competir pela única vaga disponível. As pesquisas até aqui falam mais que os candidatos, mas nada impede que digam coisa diversa nos últimos 60 dias. Depende apenas deles. É a hora em que, cada candidato, sem pagar pelo tempo na TV, contará com a própria voz e a capacidade pessoal de persuadir (para não dizer pior).

Por enquanto predominaram os sinais exteriores. A competição se travou nas peças de propaganda. Paulo Maluf passou a se assinar com dois 11 — um verde e outro amarelo — para se aproximar de Collor. Se a moda pega, teremos Brizola com o 1 dobrado, em verde e amarelo. Lula, como já tem dois 1 — é só colorir. E por que não Ulysses, com um s verde e outro amarelo?